

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

JOSÉ LUÍS GOMEZ GONZALEZ JÚNIOR

**TRANSEXUALIDADE E ESPINHOS:  
QUESTÕES DE GÊNERO**

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

JOSÉ LUÍS GOMEZ GONZALEZ JÚNIOR

**TRANSEXUALIDADE E ESPINHOS:  
QUESTÕES DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a Graduação no Curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde sob orientação da Profa. Dra. Ida Kublikowski

SÃO PAULO

2009

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, que me possibilitou cursar Psicologia.

À Profa. Dra. Ida Kublikowski, pela orientação, conversas, revisão e, sobretudo, disposição para me auxiliar no desenvolvimento da presente pesquisa.

Ao Prof. Dr. Plínio Maciel e à Profa. Dra. Maria Thereza de Alencar, por possibilitarem minha participação em seu grupo de estudos, tomando parte em ricas discussões e me ajudando a definir o tema do presente trabalho.

Ao Prof. Dr. Alexandre Saadeh, por me possibilitar um contato mais próximo com a área de estudos da transexualidade e pelas enriquecedoras conversas.

Aos meus amigos, Cadu, Guilherme, David, Daniel, Liliam e Andréa, pela compreensão, apoio, carinho e incentivo.

Às participantes que contribuíram com as entrevistas, essenciais para elaboração da presente pesquisa.

José Luís Gomez Gonzalez Júnior, **Transexualidade e espinhos: questões de gênero**, 2009. Orientador: Profa. Dra. Ida Kublikowski.

## RESUMO

A questão de gênero ganha um contorno peculiar ao se observar uma pessoa que apresenta o desejo de viver e ser aceita como sendo do sexo oposto. Pessoas transexuais vivenciam uma contradição entre corpo e subjetividade, como se o sexo pelo qual se definem e se sentem pertencentes fosse incompatível com seu corpo. Tendo como base a especificidade da experiência transexual, o que se pretendeu no presente trabalho foi compreender tal experiência por meio de narrativas de duas mulheres transexuais, maiores de 21 anos, que realizaram a cirurgia de adequação genital. Para tanto, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, com o propósito de obter descrições do mundo, experiências, sentimentos e esperanças vividos pelas participantes, com foco nos significados atribuídos por elas à experiência transexual. Foi realizada, posteriormente, a interpretação dos dados com a utilização da análise das narrativas, buscando compreender como as participantes significam a experiência da transexualidade, por meio da idéia de identidade narrativa. Os resultados revelaram que não existe um processo específico de construção das identidades de gênero nos transexuais e que na atualidade esta prática ainda está totalmente sujeita à discriminação e pela exclusão. A cirurgia de transgenitalização foi considerada como necessária e como um processo de adequação a uma condição já existente. Constatou-se uma condição de intenso sofrimento psíquico e uma limitação em relação ao desenvolvimento da vida sexual. Novos documentos, com nomes femininos, se mostraram um critério essencial para a vida das entrevistadas. Por fim, conclui-se que a reivindicação da cirurgia em função da identidade se justifica, sobretudo, pela necessidade de garantia de inteligibilidade social. Nomear-se transexual e modificar corpos que não colaboram instituem as participantes como sujeitos autônomos, passíveis de reconhecimento por si e pelo outro, pela resolução de uma crise identitária.

**Palavras-chave:** transexualidade, sexo, gênero.

## SUMÁRIO

1.	Introdução.....	1
2.	Transexualidade: história e conceito .....	3
	2.1 Transexualidade: situação no Brasil .....	4
3.	Considerações acerca do conceito de gênero .....	8
4.	Método.....	11
	4.1 Estratégia.....	11
	4.2 Participantes.....	12
	4.3 Análise e Interpretação.....	13
	4.4 Considerações Éticas .....	13
5.	Análise e Interpretação das Entrevistas.....	14
6.	Considerações Finais .....	26
	Referências .....	28

## 1. Introdução

Os conceitos de gênero e sexo vêm sendo amplamente discutidos e repensados. Tais discussões estão presentes em diversos âmbitos, como no campo das Ciências Sociais, da Psicologia, da Medicina, do Direito e da Política.

O que é gênero? O que é sexo? Existem diferenças entre esses conceitos? O que é feminino? Masculino? É possível uma sobreposição dos dois? O que faz de um homem, homem e de uma mulher, mulher? Que critérios são tomados ao afirmar que alguém é mulher ou homem? O gênero com o qual uma pessoa se identifica tem relação com o fato de ser homem ou mulher, ser hetero ou homossexual?

De acordo com Picazio (1998), possuímos um sexo biológico, masculino ou feminino e, a partir disso, vamos construindo nossa identidade sexual. Tal identidade não se restringe ao fato de possuímos determinado órgão genital (pênis ou vagina), no entanto, tais órgãos contribuem para a sua formação. Segundo o autor, a identidade sexual é constituída ao longo da vida por meio da imagem física, de como a pessoa é tratada e de como ela se sente.

Os estudos de gênero surgem no meio acadêmico como uma ferramenta para analisar o conhecimento produzido social e culturalmente sobre a diferença sexual. Segundo Souza (2006), gênero seria o conhecimento que estabelece significações para diferenças corpóreas. Citando Scott, a autora fala que

gênero seria “uma categoria social imposta num corpo sexuado”. Isso significa que a base da desigualdade não estaria na diferença biológica entre os gêneros, mas nos significados construídos culturalmente sobre essas diferenças. Em outras palavras, a partir da diferença sexual, há um processo de construção de expectativas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Dessa forma, as categorias são construídas enquanto conteúdos culturais definidos pelo imaginário simbólico a partir de expectativas marcadas pelo gênero. (SCOTT *apud* SOUZA, 2006, p. 2)

Judith Butler, na visão de Arán (2006), traz contribuições ao estudo de gênero, caracterizando-o não como uma construção social imposta ao sexo, mas como um efeito performático que possibilita a constituição e o reconhecimento de uma trajetória sexuada. Nesse sentido, a questão do gênero ganha um contorno

peculiar para as pessoas que apresentam o desejo de viverem e serem aceitas como sendo do sexo oposto.

Pessoas que experienciam a transexualidade sentem um desconforto em relação a seu próprio sexo anatômico, vivenciam uma contradição entre corpo e subjetividade, como se o gênero pelo qual se definem e se sentem pertencentes fosse incompatível com seu sexo.

Em virtude da especificidade da experiência transexual, o objetivo do presente trabalho é compreender essa experiência por meio das narrativas de mulheres transexuais (aquelas pessoas que se sentem e se definem como mulheres), que realizaram a cirurgia de adequação genital.

A fim de organizar a apresentação do conteúdo, esse trabalho está dividido nos seguintes capítulos: Transexualidade: história, conceito e situação no Brasil, Considerações acerca do conceito de gênero, Método, Análise e Interpretação das Entrevistas e Considerações Finais.

## 2. Transexualidade: história e conceito

Por volta de 1920, ocorreram as primeiras cirurgias de transgenitalização, inicialmente na Alemanha e Dinamarca, com a finalidade de adequação sexual, sendo associadas ao tratamento de pseudo-hermafroditas e hermafroditas verdadeiros (ARÁN, Zaidhaft, Murta, 2008).

A transexualidade chega ao conhecimento público anos mais tarde, em 1952, com a divulgação em um jornal norte-americano da história de Christine Jorgensen. Nascido George Jorgensen, ex-soldado do exército norte-americano, aos 28 anos de idade, realiza uma intervenção cirúrgica de transgenitalização na Dinamarca praticada por Christian Hamburger.

No ano seguinte à divulgação do caso Jorgensen, o médico Harry Benjamin cria o conceito de transexualismo e afirma que não existiria uma divisão absoluta entre “masculino e “feminino”, sendo inadequada a determinação do sexo do indivíduo baseada puramente nas diferenças anatômicas (*apud* ARÁN, Zaidhaft, Murta, 2008, p.71). Para ele, o sexo seria composto por diversos fatores – cromossômico, genético, anatômico ou morfológico, genital, gonádico, legal, germinal, endócrino, psicológico e social – sendo que o sexo do indivíduo seria definido pela predominância de um desses fatores, em conjunto com a influência do meio social sobre o comportamento.

Posteriormente, o pensamento do psicólogo norte-americano John Money (*apud* ARÁN, 2006, p.53) amplia este raciocínio, propondo uma separação entre o “sexo real”, ancorado na biologia e na natureza, e o registro subjetivo do gênero estabelecido através da educação e das influências culturais. Apoiado por estudos realizados com crianças, Money demonstra a independência entre a identidade de gênero e o sexo biológico, caracterizando o transexualismo pela inadequação entre um e outro.

No fim do século XX, conforme apontado por Arán, Zaidhaft, Murta (2008), o psiquiatra e psicanalista Robert Stoller, ao descrever e teorizar sobre o transexualismo, afirma que este se baseia em três aspectos: 1) um sentimento de identidade permanente — crença, no caso do transexualismo masculino, numa essência feminina sem ambigüidades, diferentemente do transvestismo, por

exemplo; 2) uma relação com o pênis vivida “como horror” e sem nenhuma forma de investimento libidinal; e 3) uma especificidade na relação com a mãe, que o autor chama de “simbiose”. Para Stoller, o tratamento preconizado para esses casos seria a cirurgia de transgenitalização.

Baseado nessas premissas, no ano de 1973, Norman Fisk fundamenta uma nosografia psiquiátrica para o transexualismo, ancorada essencialmente num autodiagnóstico. Posteriormente, o transexualismo é incorporado à categoria psiquiátrica “Disforia de Gênero”, denominação que designa a insatisfação decorrente da discordância entre o sexo biológico e a identidade sexual de um indivíduo, trazendo a descrição da experiência transexual e apontando como a única possibilidade de tratamento a realização da cirurgia de conversão sexual e a utilização de hormônios (ARÁN, ZAIHAF, MURTA, 2008).

### 2.1 Transexualidade: situação no Brasil

No Brasil, de acordo com o *Manual prático dos direitos de homossexuais e transexuais* (AMARAL, 2003), algumas definições de transexual podem ser encontradas em estudos de Medicina Legal, Psicologia Forense e Direito Civil. A Medicina Forense utiliza a definição da Associação Paulista de Medicina, para quem transexual é o indivíduo com identificação psicosexual oposta aos seus órgãos genitais externos, com desejo compulsivo de mudá-los. No âmbito do Direito Civil, transexual é aquele não apresenta harmonia entre seu sexo biológico e seu sexo psicológico e, por isso, apresenta um sentimento de rejeição à genitália.

Seguindo uma tendência internacional, em novembro de 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM) aprova a realização de cirurgias de transgenitalização no Brasil. A Resolução 1482/97 do CFM aprova a realização da cirurgia de transgenitalização, a título experimental, somente em hospitais universitários ou hospitais públicos adequados à pesquisa. A cirurgia é designada a pacientes diagnosticados como transexuais, diagnóstico que obedece às seguintes características: desconforto com o sexo anatômico natural; desejo de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar

as do sexo oposto; permanência desse distúrbio por no mínimo dois anos e ausência de outros transtornos mentais. A seleção de pacientes para cirurgia deve ser realizada por uma equipe multidisciplinar que envolve médico-psiquiatra, cirurgião, psicólogo e assistente social, sendo necessários dois anos de acompanhamento conjunto. Além do diagnóstico médico de transexualismo, o paciente deve ter mais de 21 anos de idade e não apresentar características físicas inapropriadas para a cirurgia.

Em 2002, o CFM elabora uma nova resolução, revogando a anterior. Assim, a Resolução 1652, vigente na data de realização dessa pesquisa, atribui critérios distintos para a cirurgia de adequação do fenótipo masculino para feminino e de feminino para masculino. As cirurgias do primeiro caso passam a poder ser praticadas em hospitais públicos ou privados, independente da atividade de pesquisa. Por sua vez, as cirurgias de adequação do fenótipo feminino para masculino só podem ser praticadas em hospitais universitários ou hospitais públicos adequados para a pesquisa. Outras mudanças da nova resolução foram a inclusão de um médico endocrinologista na constituição da equipe multidisciplinar e a mudança do nome do diagnóstico, passando de diagnóstico médico de transexualismo para diagnóstico médico de transgenitalismo.

Dessa maneira, a cirurgia de transgenitalização deixa de ser um procedimento médico experimental em 2002 e atualmente é uma prática de atenção à saúde de transexuais realizada em diversos serviços assistenciais vinculados a universidades públicas brasileiras, dentre os quais se destacam o Hospital das Clínicas de Porto Alegre (UFRGS), Hospital das Clínicas de São Paulo (USP), Hospital Universitário da UERJ, o Hospital Universitário da UFRJ e o Hospital das Clínicas de Goiânia (UFGO). Além destes, há outros serviços, tais como Hospital Universitário de Brasília (UnB) e outras instituições no Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo, que não necessariamente realizam a cirurgia de transgenitalização, mas que oferecem acompanhamento clínico, psicológico e social para usuários transexuais. (ARÁN, LIONÇO, 2008)

Dados sobre o número de pessoas que realizaram a cirurgia de transgenitalização, número de pessoas que desejam ser atendidas ou total de transexuais no Brasil são escassos. Não há dados oficiais do Ministério da Saúde ou de entidades de classe.

Em junho de 2008, o jornal *O Globo* (CHRISTIANO, 2008) noticiou que apenas no Hospital das Clínicas de São Paulo havia 253 pessoas na fila de espera para a cirurgia de mudança de sexo e 70 pessoas encontravam-se em tratamento hormonal e psicológico. Desde que o Hospital das Clínicas de São Paulo implantou o programa para cirurgia de transgenitalização em 1998 até meados de 2008, haviam sido realizadas 23 cirurgias.

Segundo o jornal *Último Segundo* (LEAL, 2008), no Hospital das Clínicas de Porto Alegre, há mais de 200 transexuais cadastrados na lista de cirurgias para mudança de sexo. Nesse hospital, estima-se que, para cada 15 homens, uma mulher é operada e aproximadamente 80% das pessoas que procuram o tratamento são homens entre 17 e 20 anos.

Cabe fazer referência à situação da mudança de nome no país. Para a quase totalidade de pessoas transexuais, ser chamada/o pelo nome de registro é algo que causa constrangimento e sofrimento, uma vez que remete a um desconforto que os mesmos estão tentando remover.

O processo de mudança de nome no Brasil vem sofrendo alterações durante os últimos anos. Segundo Bento (2008), o projeto de lei 70/1995, permitia a mudança do registro mediante autorização judicial para as pessoas transexuais, no entanto, a alteração estava condicionada às cirurgias de transgenitalização.

Em 2006, há a criação de um projeto de lei que amplia as possibilidades de mudança de nome para as pessoas transexuais. O PL 6655/06 inclui a possibilidade de substituição do prenome de homens e mulheres transexuais, que deve ser solicitada por via judicial. É necessário um laudo médico comprovando “o transexualismo”, contudo, o projeto não prevê a obrigatoriedade da realização da cirurgia de transgenitalização.

Por fim, o campo do Direito traz uma discussão bastante rica sobre a relação entre o sexo e a identidade pessoal. Choeri (2004, p.52) fala que “o sexo é um dos principais elementos da identidade humana, pois indica o conjunto de características psicofísicas que distinguem o macho da fêmea”. O autor nos expõe a discussão de que alguns procuram incluir o direito à identidade sexual como um direito de personalidade, constituindo-se uma tipificação autônoma. No entanto, a maioria dos autores insere o direito à identidade sexual dentro do conteúdo do direito à

identidade pessoal. A partir dessa discussão, é interessante perceber o movimento de considerar o sexo como algo determinante, fundamental em um indivíduo, como algo que o definiria como pessoa, como sujeito de direito. A identidade sexual ganha relevância no campo do Direito na medida em que há a necessidade de toda pessoa ser identificada como pertencente a um dos dois sexos, inclusive para o pleno exercício de seus direitos. Choeri (2004) aponta que a problemática da identidade sexual engloba algo além sexo morfológico, deve-se considerar o comportamento psíquico que o indivíduo tem diante de seu próprio sexo. Assim, de acordo com essa visão, o sexo compõe-se da conjunção de aspectos físico, psíquico e comportamental da pessoa. Além disso, Choeri (2004) afirma que as relações de gênero participam de relações de poder, poder no sentido de uma estrutura social que desequilibra as instituições em favor de determinados grupos sociais.

### 3. Considerações acerca do conceito de gênero

Gênero é compreendido de diversas maneiras e sob diferentes perspectivas. A intenção aqui não é abarcar as diversas teorias, mas sim apresentar algumas considerações acerca do conceito de gênero, que estão em consonância com o objetivo e com a maneira de condução do presente trabalho.

Na tentativa de buscar uma perspectiva que não considerasse a experiência transexual como algo da ordem do patológico, esse trabalho será apoiado na teoria de Judith Butler, conforme exposta por Bento (2006 e 2008) e Arán (2006 e 2008).

Um dos conceitos de Butler mais amplamente divulgado é aquele de “matriz heterossexual”. Pela ótica da heterossexualidade, baseada no dimorfismo natural dos corpos, a autora discorre sobre a matriz de inteligibilidade dos gêneros. Segundo Nascimento,

esta matriz faz com que nós entendamos o mundo humano filtrado pela ótica da divisão dos seres humanos em dois (homens e mulheres). Esses dois não estão separados simplesmente pela diferença, mas pela hierarquia entre eles. O masculino do homem estaria superior ao feminino da mulher. Essa superioridade apareceria marcada nos registros econômicos, políticos, familiares e intra-relacionais (NASCIMENTO, 2006, p. 2).

Tal concepção se refere ao modelo discursivo/epistêmico hegemônico de compreensão de gênero, que naturaliza corpos, gêneros e desejos ao supor que, para haver coerência no corpo, deve haver um sexo estável, expressado mediante o gênero estável — masculino expressa homem, feminino expressa mulher. Conforme apontado por Souza,

A heterossexualização do desejo requer posições discretamente assimétricas entre o “feminino” e o “masculino”, entendidos como expressão de “fêmea” e “macho”, em cuja matriz não há espaço para outras manifestações que não obedeçam a tal equação. A diferença na “economia da oposição binária” elabora o masculino e o feminino. Por sua vez, as “identidades” de gênero que não se encaixam no modelo da inteligibilidade aparecem como falhas, impossibilidades lógicas. (SOUZA, 2006, p. 3)

Butler (2003) denomina “gêneros inteligíveis” aqueles que apresentam, de alguma forma, coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo;

a “identidade” aparece como efeito de práticas discursivas que expressem essa coerência. No entanto, “certos tipos de identidade de gênero parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas de inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2003, p.39). Uma vez que está colocada uma heterossexualidade obrigatória, experiências que escapam dessa “lógica” ficam à margem, excluídas.

A experiência transexual coloca em xeque a “naturalização” de corpos, gêneros e desejos, uma vez que “ela nega, ao mesmo tempo, que os significados que atribuem aos níveis constitutivos de suas identidades sejam determinados pelas diferenças sexuais” (BENTO, 2006, p.77).

O pressuposto de que sexo é algo definido pela natureza, fundamentado no corpo orgânico, biológico e genético, e de que o gênero é algo que se adquire através da cultura restringe a possibilidade de compreensão das sexualidades e das subjetividades. Conforme Butler,

Da mesma forma, *gênero* não é uma construção social imposta a uma matéria antes determinada (o sexo), e sim um efeito performático que possibilita a constituição e o reconhecimento de uma trajetória sexuada, a qual adquire estabilidade em função da repetição e da reiteração de normas. Assim, é importante pensar por meio de que normas reguladoras se materializam os sistemas *sexo-gênero*. (BUTLER *apud* ARÁN, 2006, p.51)

Na experiência transexual, há um deslocamento entre corpo e sexualidade, entre corpo e subjetividade, entre o corpo e as performances de gênero. Segundo Butler, as performances de gênero são a maneira como o gênero é percebido na sociedade, seriam sua representação concreta. As roupas que compõem o corpo, os gestos, os olhares, uma estilística definida como apropriada e os sinais exteriores postos em ação é que dão vida ao gênero. As experiências de gênero estariam, assim, além de um referente biológico. Butler considera as repetições das verdades para os gêneros como responsáveis pela sedimentação das normas de gênero. O trecho a seguir ilustra essa questão:

A partir das reiterações contínuas, realizadas mediante interpretações em atos das normas de gênero, os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-o em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo. É isso que Butler chamará de performatividades de gênero. (BENTO, 2006 p. 87)

Cabe pontuar, conforme Arán, Zaidhaft, Murta (2008), que a aproximação a um ideal de gênero (masculino ou feminino) nunca é de fato completa, uma vez que a postulação de um “verdadeiro sexo” ou de uma “verdade sobre o gênero” revela antes uma ficção reguladora, uma forma de organização social. As normas de gênero seriam históricas e contingentes e não essenciais e estruturais.

Ademais, a norma de gênero repete que somos o que nossas genitálias informam,

Esse sistema, fundamentado na diferença sexual, nos faz acreditar que deve haver uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo. Vagina-mulher-emoção-maternidade-procriação-heterossexualidade; pênis-homem-razionalidade-procriação-heterossexualidade. As instituições estão aí, normatizando, policiando, vigiando os possíveis deslizamentos, os deslocamentos. Mas os deslocamentos existem. Apresentam-se. (BENTO, 2006, p. 13)

Segundo Bento (2006), ao apresentar o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero, Judith Butler busca expor e problematizar a vinculação entre gênero, sexualidade e subjetividade perpassada por uma leitura do corpo como significante, em permanente processo de construção e com significados múltiplos.

Diante do conteúdo acima e ressaltando a posição preconizada por Bento (2006), o processo de organização social das identidades seria, então, o mesmo tanto para transexuais quanto para não-transexuais. A experiência transexual é compreendida como um conflito identitário e não como uma enfermidade.

## 4. Método

O método da presente pesquisa desenvolveu-se, inicialmente, com a revisão de literatura, por meio de leitura e fichamento de textos e periódicos que discorressem sobre transexualidade, sexo, gênero e identidade, seguido do trabalho de campo.

Sendo o objetivo dessa pesquisa compreender a experiência da transexualidade, foi realizada uma pesquisa qualitativa, pois esta foca em casos singulares que permitem investigar detalhes da relação de um fenômeno específico em determinado contexto. Uma vez que não há acesso direto à subjetividade do outro, o que se busca na pesquisa é aperfeiçoar as formas que tornam possível compreender melhor este mundo da experiência (DENZIN, LINCOLN *apud* KUBLIKOWSKI, 2001 p.86).

Compreender a experiência transexual enquanto um conflito identitário nos fez recorrer à noção de identidade narrativa, explicada a seguir,

Se a única forma de minhas experiências e representações alcançarem o sentido é sendo trazidas à linguagem, esse processo implica um trabalho do sujeito cognoscente, que, ao organizar o conhecimento, incorpora a sua identidade nesse ato. Essa objetivação através da linguagem, que permite ao sujeito instituir-se como sujeito consciente, ao mesmo tempo funda a sua identidade. Assim, no mesmo ato pelo qual nos compreendemos, construímos. (KUBLIKOWSKI, 2004, p.17)

Desse modo, Kublikowski (2004) nos remete à idéia de uma pessoa que, ao atribuir significado ao mundo, se modifica através da sua capacidade de designar-se a si mesma. As identidades, então, não são compreendidas como universais, uma vez que são produzidas por discursos, práticas e posições em constante transformação.

### 4.1 Estratégia

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com o propósito de obter descrições do mundo, experiências, sentimentos e esperanças vividos pelas

entrevistadas. As entrevistas tiveram caráter de uma conversação e foram baseadas no seguinte roteiro:

- Como se percebia e se sentia na infância?
- Como se percebia e se sentia na adolescência?
- Como se percebe e se sente na idade adulta?
- Como você acha que seus pais a percebiam nas diferentes fases de sua vida? E seus irmãos? E seus amigos?
- Conte um pouco sobre o desenvolvimento de sua vida sexual.
- Como você percebia o seu corpo antes da cirurgia?
- Como foi sua experiência com a cirurgia?
- Como você se percebe depois da cirurgia?
- Como está a sua vida depois da cirurgia no trabalho, na família e nos relacionamentos amorosos?

#### 4.2 Participantes

Foram realizadas entrevistas com duas mulheres transexuais, maiores de 21 anos e que se submeteram à cirurgia de transgenitalização, mediante a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1). A escolha desse perfil está relacionada à idade mínima necessária para realizar a cirurgia de transgenitalização e para garantir minimamente semelhanças entre as entrevistadas para posteriormente analisar comparativamente as narrativas. Na tabela abaixo, encontram-se algumas características sobre as participantes.

**Tabela 1: Perfil das Participantes**

	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Nível de Escolaridade</b>	<b>Idade em que foi realizada a cirurgia de transgenitalização</b>
<b>Rosa</b>	31 anos	Solteira	Superior Completo	30 anos
<b>Alma</b>	37 anos	Solteira	MBA	37 anos

### 4.3 Análise e Interpretação

Após a transcrição das entrevistas, a fim de buscar uma compreensão mais clara e organizada, foi elaborada uma tabela (Apêndice 1) com os principais conteúdos trazidos pelas participantes. Essa tabela contém falas das entrevistadas e está dividida em categorias temáticas, desenvolvidas a partir do roteiro utilizado.

Com base no conteúdo disposto na tabela, foi realizada posteriormente a interpretação dos dados com a utilização da análise das narrativas, buscando compreender como as participantes significam a experiência da transexualidade, por meio da idéia de identidade narrativa.

### 4.4 Considerações Éticas

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, em 31 de agosto de 2009, protocolo 149/2009.

## 5. Análise e Interpretação das Entrevistas

O presente capítulo foi desenvolvido a partir das categorias temáticas, produzidas pela análise das entrevistas e apresentadas no Apêndice 1. Os nomes escolhidos para apresentar as participantes são metáforas de suas experiências, descritas a seguir.

Ao se referirem à infância, as duas participantes descrevem percepções de incômodo. Rosa conta que havia um descompasso entre o que era esperado pelos outros em relação a ela e o que ela sentia; consideravam-na um menino, ao passo que ela se “sentia feminina o tempo todo.” Nesse sentido, torna-se importante salientar a referência que Rosa faz ao corpo. Conta que “tudo de dentro para fora era feminino, do meu corpo para fora”. Mais adiante, ao explicar por que as pessoas e a sociedade tratavam-na como um menino, ela justifica “porque o meu corpo me expunha dessa maneira”. Pode-se compreender que Rosa percebia seu corpo de uma maneira diferente do que as outras pessoas. Ao pensar que o sujeito percebe seu corpo conforme as sensações e sentimentos que ocorrem internamente, quando outra pessoa olha para esse sujeito, ela tem acesso (apenas) ao corpo, ficando as sensações e os sentimentos do sujeito inacessíveis nesse momento. O corpo é a fronteira entre o mundo interno do indivíduo e o mundo exterior. A impressão é de que o corpo de Rosa deflagrava no interlocutor algo diferente do que ela sentia e delimitava, ao mesmo tempo, o masculino e o feminino. Outra percepção relatada pela participante é de que “tinha alguma coisa muita errada” e que ela não tinha controle sobre isso, desejando, então, “ir embora”, “queria que Deus me tirasse daqui da Terra.”

Por sua vez, Alma diz que hoje tem uma percepção de que foi uma criança afeminada, mas que durante sua infância “só sabia que era diferente... que tinha um jeitinho diferente”. Ela relata que não gostava do fato de tirarem sarro dela e lhe proferirem palavras como “mariquinha”, “bicha” e “florzinha”.

Traçando uma relação com os conceitos de Butler (2003), pode-se pensar que o comportamento descrito pelas participantes na infância como “diferente” e “afeminado” apresenta-se fora do modelo hegemônico de inteligibilidade de gêneros

(pênis-masculino) e, dessa maneira, o destino que cabe a esse comportamento é o da marginalização – “mariquinha”, “bicha”, “florzinha”, “cacto”.

Sobre a adolescência, Rosa a qualifica como a pior fase. Conta que acreditava com veemência que sua “fisiologia correspondia ao gênero feminino” e que se sentia ao mesmo tempo frustrada e apavorada por não desenvolver os caracteres secundários femininos e, “pelo contrário”, desenvolver os masculinos. No entanto, apesar de não encontrar no corpo a “fisiologia que correspondesse ao gênero feminino”, Rosa conta que não abriu mão de usar roupas femininas e cabelo comprido. Além disso, ao falar sobre a adolescência, a participante faz uma comparação de si com um cacto, “eu não podia encostar em ninguém que eu dava choque, eu espetava as pessoas, as pessoas me espezinhavam e eu sofria minha vida inteira” (a escolha do nome “Rosa” se deu a partir dos espinhos do cacto). Rosa conta de um período em que a rejeição e a humilhação deixaram marcas e, talvez não por acaso, ela relata “eu ficava muito tempo isolada no quarto, eu fui muito depressiva”.

Ao contar sobre a adolescência, Alma pontua uma diferença em relação à fase anterior, explicando que até o final da infância sabia que tinha um comportamento diferente, mas que isso não “chocava muito” e que não existia um movimento de se “forçar a ter um comportamento”. No entanto, Alma diz que passa a ter consciência, na adolescência, de que era afeminada e tenta se “condicionar” a ter um comportamento masculino, para não se “sentir uma aberração” e não ser “motivo de sarro de todo mundo”. Embora começasse a se “masculinizar”, Alma relata uma sensação de não pertencimento, ao dizer que se sentia diferente, “uma pessoa que não se encontrava em lugar nenhum”. Afirma também que nessa época tampouco se sentia uma mulher e sequer tinha conhecimento da transexualidade. Ainda sobre o período da adolescência, a participante conta que era “super inteligente” e “hiper estudioso”.

Pode-se notar um esforço das participantes de se posicionarem dentro da matriz heterossexual, para escaparem da exclusão. Rosa usa roupas unissex, pois “podia usar fora e se satisfazer”. Alma tenta “se condicionar a ter um comportamento masculino”, para deixar de ser “motivo de sarro de todo mundo”.

Acerca da percepção de si na idade adulta, antes da realização da cirurgia de transgenitalização, ambas as participantes dividem essa fase em dois momentos, Rosa aponta como marco divisor a transição de homem para mulher, já para Alma o que separa um momento do outro é “se descobrir transexual”.

Rosa atribui duas características ao período anterior à transição: sofrimento e limitação. Relata que tinha “ojeriza completa e plena” ao corpo, andava na rua olhando para baixo, com o cabelo escondendo o rosto, por causa dos pêlos presentes. Conta que conseguia sobreviver “fazendo muita viagem na cabeça” para poder aceitar. Por ter sofrido demais, Rosa expressa alívio ao falar que “essa pessoa” – emprega a terceira pessoa para se referir a si antes da transição – “morreu” e agora está “enterrada”. A transição representa um marco significativo em sua vida, uma vez que a partir daí é que a participante entende e passa a reconstruir sua própria identidade, com menos conflito, concomitante, segundo Rosa, à “construção do seu corpo”.

Para Alma, a demarcação dos dois momentos que viveu na idade adulta, antes de realizar a cirurgia de transgenitalização, é “se descobrir transexual”. No período anterior a isso, suas sensações eram de estar “flutuando no mundo”, sem os pés no chão (a escolha do nome “Alma” se deu a partir dessas descrições), não se percebia parte do mundo e se questionava “eu não sou desse mundo, esse mundo não é meu. Deus, por quê? Por que que eu não sou desse mundo? Por que que não tem lugar para mim? Por que que eu sou diferente de tudo? Por que que eu não sou homem nem mulher?” Alma revela que tinha que vestir roupas de homem para trabalhar, mas que quando saía à noite colocava roupas de mulher. Ela conta que se “escondia dentro de uma figura dum homem”, mas que “não era aquilo”. Por volta dos 32 anos, Alma vem a saber sobre transexualidade, no entanto, revela que, mesmo tendo esse conhecimento, tinha dúvidas se era transexual. Segundo ela, “a partir do momento que eu descobri que era isso, *pronto, eu me achei!*”. Conta que, então, sua vida começa e que começa a ser feliz. Observa-se aqui a importância de poder se nomear, de ter uma identidade e de ter um sentido de pertinência, o que possibilitou para Alma a passagem de um estado de flutuação e de não se perceber parte do mundo para um lugar de pertencimento e de possibilidade para viver.

São percebidos processos distintos em Rosa e Alma a respeito da tomada de decisão para realizar a operação de adequação genital. A primeira relata sentir “ojeriza completa e plena” ao corpo antes da cirurgia, tendo a sensação de “libertação” quando “aquele corpo” foi enterrado. Parece que para Rosa a cirurgia vem para libertá-la de um intenso incômodo e sofrimento. Por sua vez, Alma relata “sentir necessidade” de se submeter à operação quando se dá conta de que vivia como mulher, no entanto, frustrada devido à presença do órgão genital masculino. Segundo ela, “se a cirurgia dá certo, eu vou viver feliz, eu não preciso desse genital”. A conotação dada por Alma é também de algo imprescindível, entretanto parece não haver aqui um horror extremo ao genital masculino.

Ambas as participantes adjetivam muito positivamente a experiência com a cirurgia de transgenitalização. Rosa utiliza as palavras “maravilhosa” e “libertação” e descreve a sensação de que ela sempre teve uma vagina, tendo que se “trazer para realidade” e se lembrar de que ela “construiu essa neovagina”. A participante mais uma vez traz a idéia de “enterro” e faz referência ao seu corpo antes da cirurgia como se fosse outro, diferente do atual, “foi a tampa do caixão que eu *puff* e o caixão desceu... enterrei aquele corpo e saí linda, maravilhosa”. Mais uma vez, pode-se pensar na experiência subjetiva ambígua em relação ao corpo. O mesmo (mas, ao mesmo tempo, diferente) corpo representando simultaneamente o passado com caracteres secundários masculinos e o presente com caracteres secundários femininos, e a cirurgia de transgenitalização marcando, segundo Rosa, por fim, a morte do primeiro e a vida do segundo, ou o renascimento dela enquanto sujeito.

Quanto à percepção de si depois da cirurgia, ao ler as respostas das participantes, a sensação que se tem é de que elas estão agora desejosas da vida e do mundo, otimistas e lançadas para projetos futuros, para adiante. Ao exaltar a vida pós-operação, as falas das entrevistadas se referem ao bem-estar e alívio depois de muitos anos de sofrimento e desconforto e, em alguns momentos, parecem também alimentadas por uma idealização.

Rosa explica que, para ela, a transexualidade marcava um desconforto horrível que tinha com o corpo, mas que agora não tem mais. Ela confessa ter muita dificuldade quando as pessoas a colocam como transexual, uma vez que se percebe

“como uma mulher, como qualquer outra”. Além disso, Rosa diz que hoje enxerga suas “potencialidades como mulher” e que tem prazer em ser uma.

Ao momento pós-cirúrgico, Alma relaciona a palavra “felicidade”, descrevendo-a como “tão grande, tão grande, tão grande” que quando chegou em casa recém-operada, teve vontade de sair na rua e de que as pessoas a vissem. Alma relata que sua vida mudou completamente depois da cirurgia de adequação genital. Considera que antes desse episódio, ela era olhada com “uma pessoa diferente”. Contudo, fala que na atualidade ela é “uma pessoa integrada”. Alma hoje acredita que os mais próximos sentem por ela uma admiração muito grande, porque ela “olha no olho das pessoas com segurança”.

Interessante notar a diferença de percepção de Alma antes e depois da cirurgia. No primeiro momento, Alma se percebia como “uma figura velha e caminhando para uma velhice”. Após a realização da cirurgia, segundo ela, “eu me percebo caminhando para plenitude cada vez mais, eu me vejo caminhando para ter tudo que eu nunca fui”. Alma atualmente aparenta estar muito desejosa de viver e enumera uma série de vontades: de sair, de viajar, de estudar e de trabalhar. Somado a esses aspectos, Alma pontua um que lhe parece especialmente importante, a vontade de sair na rua. Ela diz “tudo que eu vou fazer eu quero sair na rua, não quero fazer nada por telefone, eu adoro andar na rua, sabe? Adoro me sentir parte do mundo.” Pode-se pensar aqui que Alma, depois de “se descobrir transexual” e ter realizado a cirurgia de adequação genital, passa a se sentir “integrada”, encontra pertencimento no mundo e pode gozar disso. Ademais, a participante diz se sentir hoje vivendo a adolescência, se sentir com 18 anos e “estar curtindo” cada momento, como namorar e o medo de ter a primeira relação sexual (depois da cirurgia).

A fim de evidenciar a questão de gênero no ciclo vital das participantes, o tema “Relação com o corpo” foi exposto em diferentes fases da vida. Conforme já observado, na infância, as duas participantes descrevem sensações de estranhamento ao corpo, “alguma coisa errada”, “diferente”, elas parecem se referir a algo pressentido e não explicitado. Já, na adolescência, Rosa diz odiar e sentir repugnância pelo seu corpo. Acreditava que desenvolveria quadril e seio e o fato disso não ocorrer somado ao surgimento de caracteres secundários masculinos

“gerava uma frustração e um pavor horrível”. Por sua vez, Alma, ao contar sobre sua adolescência, revela que quando tinha 14 anos, mesmo se considerando um homem, “não suportava pêlo no rosto”.

Na idade adulta, três momentos podem ser observados sobre a relação de Rosa com o seu corpo. Antes da transição, ela conta que sentia “ojeriza completa e plena” pelo seu corpo e que por apresentar pêlos no rosto, escondia-o com o cabelo e andava olhando para baixo. No segundo momento, na transição, segundo Rosa, “eu passei a aceitar porque eu fui construindo o meu corpo para chegar ao que ele é hoje”. A construção designada pela participante é descrita por uma série de conquistas, “primeiro, conquistando hormônio, depois conquistando a cirurgia plástica, depois conquistando essa outra cirurgia (de adequação genital)”. Por fim, no momento posterior à cirurgia, Rosa conta que ficava extasiada ao olhar seu corpo no espelho.

A respeito de Alma, dois momentos da relação com seu corpo merecem ser pontuados. Antes de “se descobrir transexual”, a participante conta que não se via tomando parte de seu corpo. Alma acredita que seu empenho nos estudos e no trabalho era um “refúgio”, uma vez que não era feliz e que tinha vergonha do seu corpo e dos seus pêlos. Ademais, segundo ela, “tinha um corpo masculino e tinha que vestir ele de mulher para poder ter relacionamento ou ter relações”, considerando, dessa maneira, que seu “corpo era um empecilho para ser feliz”. Alma conta que não repudiava seu genital, mas que sempre teve vergonha. Com 21 anos, fala que começou a tomar hormônios e seus seios começaram a crescer. A participante traça uma relação com a sexualidade, dizendo “a única coisa que me fazia bem era quando eu conseguia ficar com um cara hétero... quando eu comecei tomar hormônio, começou crescer o seio e aí os caras pegavam e ficavam loucos e aí me tratavam diferente do que eles tavam acostumados a tratar.” Para a participante, a mudança corporal do crescimento dos seios significava também que “um cara hétero” se sentiria mais excitado para “ficar” com ela e que ele a trataria melhor. Ainda associado a isso, Alma afirma, “eu fui me descobrindo também com essa força da sexualidade”; pode-se pensar aqui que para se relacionar sexualmente com um homem o qual desejava (“um cara hétero”), caracteres secundários femininos eram valorizados e, por isso também, Alma passa a se

“feminilizar”. A possibilidade de desfrutar melhor sua sexualidade também contribuiu para Alma passar a querer mudar o seu corpo. Posteriormente, Alma relata que, aos 30 anos, “comecei a tomar hormônio para ver os meus músculos diminuírem e quanto mais eu via meu corpo se feminilizando mais feliz eu tava ficando com ele”.

Alma aponta que desejava estar de acordo com as normas de gênero referentes ao sexo feminino – sendo mulher e se relacionando com um “cara hétero” –, não fosse pelo “problema de ter nascido com um genital masculino”. Ela conta que nunca se assumiu como gay para sua família, porque “nunca foi”. Pode-se pensar, em relação à matriz heterossexual (Butler, 2003), que a transexualidade, no caso específico de Alma, possibilitaria uma “ascensão” a uma categoria de gênero que lhe fosse inteligível. A cirurgia de transgenitalização significou coerência entre sexo, gênero e prática sexual, ao contrário da homossexualidade, que rompe com a continuidade entre sexo e prática sexual. Este é um dado que aponta para os significados atribuídos pela participante à transexualidade, apesar de podermos observar transexuais lésbicas e gays, questão que merece maior investigação.

No segundo momento, após a realização da cirurgia de transgenitalização, Alma fala que pôde, então, mostrar confortavelmente seu corpo a um namorado. Este fato representa uma diferença em relação ao período anterior à operação, quando “morria de vergonha” de tomar banho com alguém e, conforme ela, “nunca tive relação com luz clara, luz acesa... hoje, depois da cirurgia, eu acendo a luz, assim, adoro ficar com a luz acesa”.

As categorias temáticas apresentadas a seguir dizem respeito aos relacionamentos das participantes com seus pais, colegas de escola e amigos.

Ao analisar as falas das entrevistadas referentes ao relacionamento com os pais, constatou-se a importância de diferenciar dois momentos: antes e depois da cirurgia de transgenitalização. Em relação ao primeiro momento, Rosa conta de pais “liberais”, “não castradores” e que, embora não a incentivassem, permitiam que ela “usufruisse o máximo do seu desejo (em relação à feminilidade)”. Relata que seu pai lhe “respeitou como ser humano” independente da questão do gênero. Rosa se lembra de sua mãe ter falado muitas vezes a seguinte frase para justificar seu

comportamento, “não, mas não tem mais essa coisa de feminino, masculino, tudo é a mesma coisa”.

Depois de realizar a cirurgia de transgenitalização, Rosa conta que seus pais sempre estiveram ao seu lado e considera “até que foi um alívio para eles, porque eu vivia muito angustiada.” Ela revela que ficou “mais madura e mais segura” e que isso possibilitou uma aproximação maior do seu pai. Conta, com alegria e orgulho, que voltou a sua cidade natal para casar e que seu pai abençoou seu casamento. Somado a isso, é interessante pontuar que Rosa passa a poder se ver adulta depois da cirurgia de adequação genital, “a cirurgia melhorou porque eu fiquei mais segura de mim e isso ajudou... *sou uma adulta e estou falando com adultos*, foi aí que eu consegui a entrada pro meio dos adultos”. Temos, então, a resolução de uma crise identitária por meio da cirurgia.

Na família de Alma, as relações apresentaram-se de modo mais turbulento. Ela conta que seu pai “odiava o fato de ser afeminada” e a “maltratava um pouco por causa disso”; sua mãe lhe pedia para “segurar seu jeito”. Ao lado disso, Alma fala que seus pais a apoiavam muito nos estudos e que sua mãe “batia de frente com os vizinhos e não aceitava que me xingavam”. A participante narra sucessivas mudanças de postura dos pais em relação a seu comportamento. Inicialmente, quando Alma passa a querer freqüentar “guetos gays”, seus pais a “prendem”. Em seguida, ao descobrir roupas femininas de Alma, a mãe pede para o marido queimá-las. A entrevistada conta “o problema de eles (pais) acharem minha roupa de mulher era tão grande, era tão vergonhoso e expunha tanto ao medo, que o fato de eu ser gay, pronto, aí que bom, gay, mas não vai se vestir de mulher.” A partir do relato da participante, pode-se apreender que, do ponto de vista dos pais, a homossexualidade passa a ser aceita quando esta é preferível ao transvestismo. Poderia ser compreendido da seguinte forma: o filho pode até ser um homem que gosta de homem, mas não um homem que se veste de mulher. Segundo Alma, “me viram (pais) assim até eu sair de casa com 30 anos, 31 anos e achavam que eu tinha saído de casa para poder viver essa minha homossexualidade, com meu segundo namorado.”

Alma conta que, depois de ter feito a cirurgia de transgenitalização, os pais tomaram outra postura. A participante relata que hoje sua “família inteira apóia sua

vida nova”, porque “eles acharam na cirurgia um respaldo patológico”. “Para eles(pais), é fácil aceitar a transexualidade, principalmente porque agora teve a cura, então, eu sou uma mulher.” A família reproduz o significado da patologia e passa a aceitar Alma na medida em que há consonância entre sexo, gênero e prática sexual. Alma, ao relatar sua experiência e a opinião dos pais, parece tentar em alguns momentos reassegurar de que só não estava dentro do modelo de gênero vigente porque apresentava um problema orgânico. “Ele era um hétero que gostava de mim como mulher, mas que tinha um problema de ter nascido com um genital masculino.” Conta que nunca se assumiu como homossexual para os pais e dá exemplos de frases que estão sendo faladas freqüentemente por sua mãe, “*Não, a minha filha nasceu com o sexo errado, ela não é homossexual. Ela nunca me falou que era gay, porque ela nunca foi.*” Pode-se pensar que apresentar uma identidade de gênero inteligível (Butler, 2003) é também estar menos vulnerável à marginalização e ao preconceito; nesse sentido, é compreensível a tentativa de buscar não estar discordante com as normas de inteligibilidade cultural.

Acerca dos relacionamentos na escola, as narrativas das duas entrevistadas apresentam aspectos comuns. Rosa diz que sofreu preconceito, *bullying* e que era “discriminada todos os dias”. Alma descreve um momento em que “a escola ficou um “ambiente insuportável”, onde alguns alunos a xingavam muito e “até os professores parece que gostavam de me ver sofrer com preconceito, diretora, os alunos, então, foi um terror”.

Outro ponto de encontro das entrevistas das duas participantes é a ausência de amigos na infância. Rosa relata que na escola não falava com ninguém e era muito isolada, revela que teve sua primeira amiga “muito tarde”, “minha primeira amiga eu fui fazer indo para o segundo grau... foi a primeira vez que eu consegui conversar com alguém”. Alma conta, “amigos de infância eu não tenho, até porque eu não tive vínculo, eu não era nada, eu não era ninguém... os meninos da rua me xingavam ou queriam ter relação comigo”. Portanto, ser diferente impossibilitou o relacionamento de Rosa e Alma com o grupo de iguais.

Sobre o momento em que passou a ter amizades, Rosa diz “eu era tão andrógina que, para os meus amigos, eu não tinha gênero”. Conta ter sempre sido

tratada por eles como mulher. Por sua vez, Alma considera que seus amigos foram seus ex-namorados e que está hoje construindo amizades.

Rosa, ao relatar sobre o desenvolvimento de sua vida sexual, descreve que esta foi marcada por bloqueios e dificuldade de lidar com seu corpo. Ela traz à tona novamente a analogia com o cacto, “imagina um cacto tendo relações sexuais, então, sem chance”. Conta que “devagar foi se forçando a ter relações sexuais”. A impressão é de que Rosa tenta dizer que, acompanhada da vontade de ter uma relação sexual, havia sensações de desconforto e o “forçar” está no sentido de ter de lidar com isso. Conforme explica, “*vai até o teu limite, avança um pouco mais esse limite, foca no prazer e não no bloqueio* e aí eu fui me soltando e consegui ter relações”.

No desenvolvimento da vida sexual de Alma, parece não haver o tom pesado que havia para Rosa. Alma conta ter tido experiências sexuais com meninos na adolescência e não relata, naquele momento, um sofrimento ou uma preocupação por causa de seu órgão genital masculino. Ela fala que, em dado período, “descobriu que fazer sexo com homem era errado” e que buscou ter uma namorada. Alma diz que apesar de ter tido duas namoradas, nunca teve relação sexual com mulher.

Sobre relacionamentos amorosos, Alma relata a dificuldade que enfrentava antes de ter realizado a cirurgia de transgenitalização. Ao conhecer alguém e contar que não era uma mulher biológica e que era transexual, Alma fala que a reação do outro era de susto e isso a deixava frustrada. Conforme vai contando sobre seus relacionamentos amorosos ao longo do tempo, parece que Alma vai adquirindo cada vez mais segurança e tranquilidade de se expor para os parceiros, “eu conheci ele com 32 anos e me conheceu como mulher e vivi com ele como mulher, não tinha mais que mostrar masculinidade, para ele, eu era Alma, e ele viveu comigo assim, ele era um hétero que gostava de mim como mulher, mas que tinha um problema de ter nascido com um genital masculino.”

Depois da realização da cirurgia de adequação genital, os relacionamentos amorosos das entrevistadas parecem apresentar menos empecilhos e ser mais desfrutados. Alma diz que existem homens querendo namorá-la, entretanto, ela não deseja namorar nesse momento, pois quer “curtir a sua vida”. Rosa conta que está

numa relação estável desde pouco antes de ter realizado a cirurgia de adequação genital. Interessante salientar a maneira com que Rosa fala de seu relacionamento com o marido, “entrei numa relação super estável com um homem heteronormativo... eu não tava acostumada com marido me cobrando certas coisas que no meio LGBT... no meio em que tô acostumada a conviver, no meio LGBT, eu não tenho essa divisão de homem faz isso, mulher faz isso”.

Um aspecto trazido por Rosa merece um olhar mais atento. Quando descreve sua transexualidade, a entrevistada diz “ela marcava esse desconforto horrível que eu tinha com o meu corpo, que não tem mais”. Ao ter realizado a cirurgia de adequação genital, o corpo de Rosa encontra coerência com o gênero ao qual ela sempre se diz pertencente. Contudo, mais adiante, ao falar que está num relacionamento com um “homem hetenormativo”, a participante conta de diferenças que emergem sobre o papel que ela e seu marido esperam de uma mulher - “eu não tenho essa divisão de homem faz isso, mulher faz isso”. Observa-se aqui o movimento de ter de lidar com os pressupostos das normas de gênero. Num primeiro instante, Rosa está fora das normas quando seu corpo não condiz com suas performances de gênero. Quando esses encontram uma coerência, passa a ser enxergada como mulher e uma série de pressupostos “naturalizantes” lhe são conferidos. No entanto, ao se posicionar contra certas expectativas, Rosa parece (re) afirmar que ser mulher não significa, necessariamente, atender às normas de inteligibilidade cultural. Há uma dança de estar ora correspondente, ora desviante da matriz heterossexual e cada posição já traz, de antemão, suas conseqüências.

Por fim, mas não menos importante, a última categoria temática destacada diz respeito à questão da documentação das entrevistadas. Conforme salientado por Alma, “acertar o registro vem também como uma parte essencial desse tratamento, que é horrível você ser uma mulher só que estar com nome de homem e sexo masculino”. As duas participantes relatam dificuldade para conseguir entrar num novo emprego, segundo Rosa, “eu não sofro preconceito no trabalho, o preconceito que eu sofro é de entrar no trabalho por conta da minha documentação, que eu sou barrada na entrevista, não tem como”. Ambas dizem que, apesar de já terem entrado com processo judicial solicitando mudança de nome, isso ainda não ocorreu. Cabe pontuar que, com a nova documentação, Alma vislumbra a possibilidade de uma nova vida, “eu só tô esperando isso para poder ir embora, para poder mudar de

casa, onde ninguém saiba do meu passado, trabalhar... entrar numa empresa com nome de mulher, com sexo de mulher”.

## 6. Considerações Finais

As considerações a seguir decorrem da compreensão das narrativas das participantes.

De acordo com Rosa e Alma, a percepção de pertencimento ao gênero feminino ou a de estranhamento de si e do próprio corpo ocorreu desde a infância e passou a se intensificar na adolescência, quando os conflitos eclodiram de maneira abrupta.

Ambas as entrevistadas relataram uma condição de intenso sofrimento psíquico, representado pela depressão e angústia em suas mais diversas formas. Tal sofrimento não é somente devido ao conflito de não pertencimento ao sexo biológico (ou ao estranhamento de si e de seu corpo), como também às conseqüências sociais intrínsecas a esta condição. Concordando com a posição de Bento (2006), não existe um processo específico de construção das identidades de gênero nos transexuais. Porém, podemos afirmar que na atualidade esta prática ainda está totalmente atravessada pela discriminação e pela exclusão.

Foi possível apreender a limitação, em maior ou menor grau, das participantes em relação ao desenvolvimento da vida sexual. Em um caso, a relação sexual era evitada por causa do repúdio que sentia pelo corpo. Noutra situação, por apresentar vergonha do seu genital, o ato sexual era feito num ambiente escuro.

Nas narrativas das duas entrevistadas, foram observadas uma crença numa essência feminina, a necessidade de se realizar a cirurgia de transgenitalização e a consideração desta como um processo de adequação a uma condição já existente. Foi afirmado que não se trata de homossexualidade nem de transvestismo e sim de identidade e de desejo heterossexual. Entretanto, não devemos querer encaixar a transexualidade numa matriz heterossexual, ao invés disso, podemos considerar a possibilidade de diversidade do desejo.

Novos documentos, com nomes femininos, se mostraram um critério essencial para a vida das entrevistadas. Vieira (2009, p.197) implica também o Direito como parte do processo transexualizador, “de nada adianta a Medicina realizar a cirurgia com sucesso se o Direito não contribui com a adequação dos

documentos, cooperando e integrando o processo terapêutico”. Essa situação parece começar, aos poucos, a mudar. Segundo divulgado, em novembro do presente ano, pela revista *Isto é* (SEXUALIDADE, 2009), foi determinada, em decisão inédita, a alteração tanto do pré-nome quanto do gênero na documentação de um transexual que se submeteu à cirurgia de mudança de sexo; seu documento será totalmente novo e sem referência ao fato.

Foi observado que a transexualidade abarca inúmeras formas singulares de subjetivação. Conforme Arán, Zaidhaft, Murta (2008), a transexualidade não necessariamente fixa uma posição subjetiva. Torna-se importante, então, não traduzir imediatamente a manifestação da transexualidade numa estrutura ou num modo de funcionamento específico, permitindo-lhe escapar da psiquiatrização ou de uma violência da interpretação. Nesse sentido, cabe ressaltar novamente que “certos tipos de identidade de gênero parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas de inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2003, p.39).

Nessa pesquisa, pôde ser observado o que Bento (2006) havia postulado; de que a reivindicação da cirurgia em função da identidade se justifica, sobretudo, pela necessidade de garantia de inteligibilidade social. Nomear-se transexual e modificar corpos que não colaboram instituem nossas participantes como sujeitos autônomos, passíveis de reconhecimento por si e pelo outro, pela resolução de uma crise identitária.

## Referências

AMARAL, Sylvia Mendonça do. *Manual prático dos direitos dos homossexuais e transexuais*. São Paulo: EI - Edições Inteligentes, 2003.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora** (Rio de Janeiro), v. IX, n.1, p.49-63, jan/jun 2006.

ARÁN, Márcia; ZIDHAFT, Sérgio; MURTA, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia & Sociedade*, 20 (1), p.70-79, 2008.

ARÁN, Márcia; LIONÇO, Tatiana. Mudança de sexo: uma questão de justiça para a saúde. *Série Anis* 53. Brasília, LetrasLivres, p. 1-3, janeiro, 2008.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008. – (Coleção Primeiros Passos ; 328)

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHOERI, Raul C. S. *O conceito de identidade e a redesignação sexual*. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

CHRISTIANO, Cristina. HC tem 253 pessoas na fila para mudança de sexo. *Diário de São Paulo*. São Paulo, 15 jun. 2008. Disponível em <[http://oglobo.globo.com/sp/mat/2008/06/15/hc\\_tem\\_253\\_pessoas\\_na\\_fila\\_para\\_mudanca\\_de\\_sexo-546811032.asp](http://oglobo.globo.com/sp/mat/2008/06/15/hc_tem_253_pessoas_na_fila_para_mudanca_de_sexo-546811032.asp)>. Acesso em 02 de setembro de 2009.

CREMESP. “Resolução CFM nº 1.482, de 10 de setembro de 1997”. Disponível em

<<http://www.cremesp.com.br/?siteAcao=PesquisaLegislacao&dif=s&ficha=1&id=3006&tipo=RESOLUÇÃO&orgao=Conselho%20Federal%20de%20Medicina&numero=1482&situacao=REVOGADA&data=10-09-1997>>. Acesso em 14 de abril de 2009.

\_\_\_\_\_. “Resolução CFM nº 1.652, de 6 de novembro de 2002”.

Disponível em

<[http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/versao\\_impressao.php?id=3114](http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/versao_impressao.php?id=3114)>. Acesso em 14 de abril de 2009.

KUBLIKOWSKI, Ida. *A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade*. São Paulo, 2001. 254p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_. A identidade narrativa: o sujeito produzido/ produtor de si. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 13, n.1, p. 11-30, 2004.

LEAL, Felipe. Transexualidade é considerada doença. *Último Segundo*. Rio de Janeiro, 07 jun. 2008. Disponível em

<[http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/06/07/transexualidade\\_e\\_considerada\\_doenca\\_1345227.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/06/07/transexualidade_e_considerada_doenca_1345227.html)>. Acesso em 07 de outubro de 2009.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Efeminamento, Misoginia e Violência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7., 2006, Florianópolis. *Gênero e preconceitos: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. Disponível em

<[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/W/Wanderson\\_Flor\\_do\\_Nascimento\\_05\\_C.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/W/Wanderson_Flor_do_Nascimento_05_C.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2008.

PICAZIO, Claudio. *Diferentes Desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais*. São Paulo: Summus, 1998.

SEXUALIDADE cidadã. Revista *Isto é*. São Paulo, 04 nov. 2009.

SOUZA, Érica R. Gênero, orientação sexual e pluralidade cultural: repensando os PCNs e o trabalho docente. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL

FAZENDO GÊNERO 7., 2006, Florianópolis. *Gênero e preconceitos: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. Disponível em [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/E/Erica Renata de Souza 07 A.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/E/Erica_Renata_de_Souza_07_A.pdf). Acesso em: 23 out. 2008

VIEIRA, Tereza Rodrigues. Identidade sexual: aspectos éticos e jurídicos da adequação de prenome e sexo no registro civil. In: Vieira, Tereza Rodrigues. Paiva, Luiz Airton Saavedra de. (org.) *Identidade Sexual e Transexualidade*. São Paulo: Roca, 2009, p. 183-198.

## Apêndice 1

**Tabela 2: Categorias Temáticas**

	<b>ROSA</b>	<b>ALMA</b>
<p><b>PERCEPÇÃO DE SI</b></p> <p><b>- INFÂNCIA -</b></p>	<p>“sempre me entendi feminina”</p> <p>“queria fazer tudo para menina daquela idade faz”</p> <p>“tudo de dentro para fora era feminino, do meu corpo para fora”</p> <p>“as pessoas me tinham com se eu fosse menino porque o meu corpo me expunha dessa maneira, mas de dentro pra fora era feminino, me sentia feminina o tempo todo”</p> <p>“eu queria que Deus me tirasse daqui da Terra, porque não tinha propósito de eu viver, entendeu? Tinha alguma coisa errada comigo e eu não tinha controle sobre aquilo e eu queria ir embora daqui, entendeu?”</p> <p>“Nossa, eu me achei! (quando descobriu o que era unissex)”</p> <p>“Eu gosto de usar roupas unissex, porque eu podia usar fora e podia me satisfazer.”</p>	<p>“eu sabia que eu tinha algum jeito que as pessoas... , eu tinha um jeitinho diferente, as pessoas tiravam sarro”</p> <p>“eu só sabia que eu era diferente, mas não sabia por que e não gostava que eles (os meninos da rua) me chamassem de mariquinha, de bicha, de florzinha, eu não gostava”</p> <p>“tinha um comportamento natural, acho que eu era uma criança afeminada, mas sem saber”</p>
<p><b>PERCEPÇÃO DE SI</b></p> <p><b>- ADOLESCÊNCIA -</b></p>	<p>“a adolescência é que foi a pior fase para mim”</p> <p>“eu acreditava que a minha fisiologia correspondia ao gênero feminino”</p> <p>“eu achava realmente que ia desenvolver quadril, seio... aí quando isso não acontecia e, muito pelo contrário, isso gerava uma frustração e um pavor horrível... era uma coisa horrorosa”</p> <p>“eu não deixava de usar roupas femininas e usar cabelo comprido”</p> <p>“eu era um cactus, então, eu não podia encostar em ninguém que eu dava choque, eu espetava as pessoas, as pessoas me espezinhavam e eu sofria minha vida inteira”</p> <p>“Eu ficava muito tempo isolada no quarto, eu fui muito depressiva”</p> <p>“não tenho boas lembranças da adolescência”</p>	<p>“Então, aí na adolescência isso agrava um pouco, porque eu nunca tinha forçado a ter um comportamento masculino... nem feminino, eu queria ser eu”</p> <p>“quando eu fui ser adolescente, aí sim eu sabia que eu era afeminada”</p> <p>“eu comecei a me comportar, tentar a condicionar meu comportamento a ser um comportamento masculino, porque eu me sentia uma aberração, eu era diferente, eu me sentia uma pessoa que era motivo de sarro de todo mundo”</p> <p>“me sentia uma pessoa que não se encontrava em lugar nenhum. Não me sentia uma mulher, como a maioria das transexuais se sente, nem sabia o que era isso, nem sabia que isso era possível”</p> <p>“era um adolescente super inteligente... hiper estudioso”</p>

<p><b>PERCEPÇÃO DE SI</b></p> <p><b>- IDADE ADULTA -</b></p> <p><b>(ANTES DA CIRURGIA DE TRANSGENITALIZAÇÃO)</b></p>	<p>“Duas fases: uma antes de começar a transição e uma na transição”</p> <p><b>1) Antes da Transição</b></p> <p>“ojeriza completa e plena do meu corpo”</p> <p>“eu conseguia sobreviver fazendo muita viagem na minha cabeça para poder aceitar”</p> <p>“ainda bem que essa pessoa (si mesma antes da transição) morreu e agora tá enterrada, porque ela sofreu para caraca, entendeu?”</p> <p>“eu não olhava para as pessoas na rua, eu andava com o cabelo na cara, porque eu tinha pêlo no rosto e andava olhando para baixo... escondendo o rosto, passei a minha vida quase toda assim. Era muita limitação, muito limitante”</p> <p>“E eu usei roupas unissex até o dia em que eu me assumi”</p> <p><b>2) Na Transição</b></p> <p>“eu entendo a minha identidade e a construção dela a partir de 2004”</p> <p>“Em 2004, eu passei a aceitar porque eu fui construindo o meu corpo para chegar ao que ele é hoje”</p>	<p>“eu tenho dois momentos em fase adulta”</p> <p><b>1) Antes de “se descobrir transexual”</b></p> <p>“idéia de tá flutuando, eu me vejo flutuando no mundo, eu não me vejo com o pé no chão”</p> <p>“eu não me percebia parte desse mundo, tanto que eu não sabia, eu falava assim, <i>nossa, gente, esse mundo não é meu</i>”.</p> <p>“<i>Porque que não tem lugar para mim? Por que que eu sou diferente de tudo? Por que que eu não sou homem nem mulher?</i>”</p> <p>“eu trabalhava numa multinacional, então, eu tinha que usar roupa de homem, mas, assim, saía do trabalho... é... quando eu saía à noite, colocava roupa de mulher, né?”</p> <p>“me escondia dentro de uma figura dum homem, mas eu não era aquilo”</p> <p><b>2) Depois de “se descobrir transexual”</b></p> <p>“eu vim a saber sobre isso (transexualidade) agora com 32 anos, 33 anos e mesmo assim eu tinha as minhas dúvidas que eu era. A partir do momento que eu descobri que era isso, <i>pronto, eu me achei!</i> Minha vida começou, eu comecei a ser feliz depois que eu me achei nisso, né?”</p>
<p><b>EXPERIÊNCIA COM A CIRURGIA DE TRANSGENITALIZAÇÃO</b></p>	<p>“foi maravilhosa a cirurgia, para mim, foi a minha libertação”</p> <p>“a sensação que eu tive quando acordei é que eu já tinha uma vagina, sempre tive”</p> <p>“e, assim, foi essa cirurgia, eu construí essa neovagina... tenho que me trazer para realidade, porque a idéia é que ela tava ali sempre”</p> <p>“foi a tampa do caixão que eu <i>puff</i> e o caixão desceu... Enterrei aquele corpo e saí linda, maravilhosa”</p>	<p>“então, eu falei, <i>que que eu tô fazendo com esse genital? Se essa cirurgia, ela dá certo, então, acho que meu único medo é ela dar errado, eu morrer, porque se ela dá certo, eu vou viver feliz, eu não preciso desse genital.</i>”</p> <p>“eu sou uma transexual bem fora, assim, do padrão transexual, que desde criança não suporta ver o genital, eu não... Eu, a cirurgia veio como uma necessidade depois que eu me vi sozinha no mundo, vivendo como mulher, só que frustrada, porque eu não era uma mulher, então, eu comecei a ver que realmente o genital era... era a causa de... de eu tá frustrada”</p>

<p><b>PERCEPÇÃO DE SI</b></p> <p><b>- IDADE ADULTA -</b></p> <p><b>(DEPOIS DA CIRURGIA DE TRANSGENITALIZAÇÃO)</b></p>	<p>“eu hoje enxergo minhas potencialidades como mulher”</p> <p>“eu me sinto uma mulher... Eu tenho muita dificuldade às vezes quando as pessoas me colocam como transexual, porque a transexualidade, para mim, ela marcava esse desconforto horrível que eu tinha com o meu corpo, que não tem mais”</p> <p>“(me percebo) como uma mulher, como qualquer outra. Eu tenho prazer em ser mulher.”</p>	<p>“quando eu saí da cirurgia, na hora que eu olhei, assim, aquilo... ah... aquela minha vagina tava feia, tava toda cheia de cicatriz e toda inchada e roxa, mas me deu uma felicidade tão grande, tão grande, tão grande, aí eu cheguei em casa, eu queria sair na rua, eu queria que as pessoas me vissem.”</p> <p>“a minha vida mudou completamente. E oh, acho que eu não era uma pessoa vista como eu sou hoje, eu achava que as pessoas me olhavam como uma pessoa diferente. Hoje não, eu sou uma pessoa integrada e acho que as pessoas têm uma admiração muito grande por mim, as pessoas que vivem perto de mim, porque eu olho no olho das pessoas com segurança”</p> <p>“Vontade de sair, vontade de viajar, vontade de estudar, vontade de sair na rua, tudo que eu vou fazer eu quero sair na rua, não quero fazer nada por telefone, eu adoro andar na rua, sabe? Adoro me sentir parte do mundo.”</p> <p>“Eu me percebo uma mulher, bonita, atraente, capaz, feliz, cheia de vontade. Antes eu me percebia uma figura velha e caminhando para uma velhice, agora não, eu não caminho para uma velhice. Eu me percebo caminhando para plenitude cada vez mais, eu me vejo caminhando para ter tudo que eu nunca fui, eu quero trabalhar, eu quero estudar de novo, eu quero ter... tenho vários caras querendo namorar comigo.”</p> <p>“Eu tenho 18 anos, eu tô vivendo a minha adolescência, porque eu me sinto vivendo a minha adolescência, eu tô vivendo cada fase dela. Eu não me forcei a ter relação, não me forcei a ter meu primeiro homem. Não. Tô curtindo. Tô curtindo namorar, tô curtindo a dificuldade de contar, tô curtindo o medo de ter a primeira relação.”</p>
<p><b>RELAÇÃO COM O CORPO</b></p>	<p><b>Adolescência</b></p> <p>“eu achava realmente que ia desenvolver quadril, seio... aí quando isso não acontecia e, muito pelo contrário, isso gerava uma frustração e um pavor horrível... era uma coisa horrível”</p> <p>“não era o fato de ser bonita ou feia em padrão de beleza, é que eu odiava o meu corpo, eu repugnava o meu corpo”</p> <p><b>Idade Adulta - Antes da Transição</b></p> <p>“ojeriza completa e plena do meu corpo”</p> <p>“eu não olhava para as pessoas na rua, eu andava com o</p>	<p><b>Adolescência</b></p> <p>“olha que engraçado, desde os 14 anos, mesmo achando que eu era homem, eu não suportava pêlo no rosto... me depilava o rosto”</p> <p><b>Idade Adulta - Antes de “se descobrir transexual”</b></p> <p>“não me vejo tomando parte do meu corpo”</p> <p>“acho que eu me refugiei nessa coisa de estudar e querer me dar bem (no trabalho), só que eu não era feliz, eu tinha vergonha do meu corpo, eu tinha vergonha dos meus pêlos”</p>

	<p>cabelo na cara, porque eu tinha pêlo no rosto e andava olhando para baixo... escondendo o rosto, passei a minha vida quase toda assim. Era muita limitação, muito limitante”</p> <p><b>Idade Adulta – Na Transição</b>  “Em 2004, eu passei a aceitar porque eu fui construindo o meu corpo para chegar ao que ele é hoje”  “Primeiro, conquistando hormônio, depois conquistando a cirurgia plástica, depois conquistando essa outra cirurgia (de adequação genital)”</p> <p><b>Idade Adulta – Depois da Cirurgia de Transgenitalização</b>  “quando eu saí da cirurgia e que começou a desinchar e eu comecei a ver o meu corpo, eu ficava extasiada em me olhar no espelho”</p>	<p>“tive de me masculinizar até quando eu descobri os hormônios, que era com 21, que eu descobri anticoncepcional, que aí eu vi que cresceu meio seio e os homens ficavam loucos com isso, né?... eu fui me descobrindo também com essa força da sexualidade. Eu vi que, não que eu sentia que era uma pessoa que eu queria fazer sexo, não era isso. É porque a única coisa que me fazia bem era quando eu conseguia ficar com um cara hétero, né?...quando eu comecei tomar hormônio, começou crescer o seio e aí os caras pegavam e ficavam loucos e aí me tratavam diferente do que eles tavam acostumados a tratar.”</p> <p>“até os 30 anos, eu vivi uma fase andrógina e percebia que meu corpo era um empecilho para eu ser feliz, porque eu tinha um corpo masculino e tinha que vestir ele de mulher para poder ter relacionamento ou ter relações”</p> <p>“eu tinha vergonha do meu corpo. Apesar disso, eu não tinha essas coisas de genital, que eu não repudiava, mas também sempre tive vergonha”</p> <p>“(aos 30 anos) comecei a tomar hormônio para ver os meus músculos diminuírem e quanto mais eu via meu corpo se feminilizando mais feliz eu tava ficando com ele”</p> <p><b>Idade Adulta – Depois da Cirurgia de Transgenitalização</b>  “nunca tive relação com luz clara, luz acesa. Hoje, depois da cirurgia, eu acendo a luz, assim, adoro ficar com a luz acesa. Morria de vergonha de tomar banho na frente do meu namorado, nunca tomei banho com namorado, nunca tive relação de frente assim, né?”</p>
--	---	---

<p style="text-align: center;"><b>- FAMÍLIA –</b></p> <p style="text-align: center;"><b>RELACIONAMEN- TO COM OS PAIS</b></p> <p style="text-align: center;"><b>(ANTES DA CIRURGIA DE TRANSGENITA- LIZAÇÃO)</b></p>	<p style="text-align: center;">“tive muita sorte, porque a minha mãe não foi uma mãe castradora”</p> <p>“não, mas não tem mais essa coisa de feminino, masculino, tudo é a mesma coisa. Eu lembro muito da minha mãe falando isso para justificar várias coisas que eu fiz.”</p> <p>“eu passava junto com as meninas... eu era bem andrógina e ninguém percebia que eu era menino, então, assim, meus pais, não que eles incentivaram isso, mas eles não me podaram, eles deixaram que eu usufrísse o máximo do meu desejo e sem me castrarem”</p> <p>“meus pais foram muito liberais nesse sentido e eu agradeço muito a eles porque o mesmo tratamento que a minha irmã teve, eu tive”</p> <p>“ele (o meu pai) me respeitou como ser humano... ele não levou essa questão do gênero”</p>	<p>“meu pai não gostava do meu jeito, a minha mãe mandava eu segurar o meu jeito”</p> <p>“eu era uma criança... estudava muito e tinha dois pais legais que... né? Um pai e uma mãe que me apoiava no meu estudo, uma família muito legal, né?”</p> <p>“a gente nasce com uma essência, eu tinha essa essência feminina e meu pai descobri.... meu pai percebia isso e ele... ele me.. é... me maltratava um pouco por causa disso”</p> <p>“quando eu era adolescente que foram começar a falar para minha mãe que eu era homossexual, aí ela começou a me apoiar, ela falava para mim que ela batia de frente com os vizinhos e ela não aceitava que me xingavam”</p> <p>“quando eu tinha 17 anos que eu fui descobrir a homossexualidade... que existiam guetos gays, aí fui atrás disso, e aí, meus pais me prenderam”</p> <p>“duas vezes minha mãe achou minhas roupas (de mulher) e mandou meu pai queimar, aí meu pai queimou tudo”</p> <p>“O problema de eles (pais) acharem minha roupa de mulher era tão grande, era tão vergonhoso e expunha tanto ao medo, que o fato de eu ser gay, pronto, <i>ai que bom, gay, mas não vai se vestir de mulher.</i> Naquela época, era assim.”</p> <p>“eu tinha minhas calcinhas lá, mas não era... não era... eu tinha que ter cuequinha porque minha mãe comprava e não podia ver minhas calcinhas”</p> <p>“Meu pai odiava o fato de eu ser afeminada”</p> <p>“me viram (pais) assim até eu sair de casa com 30 anos, 31 anos e achavam que eu tinha saído de casa para poder viver essa minha homossexualidade, com meu segundo namorado.”</p>
--	--	--

<p><b>- FAMÍLIA – RELACIONAMEN- TO COM OS PAIS</b></p> <p><b>(DEPOIS DA CIRURGIA DE TRANSGENITA- LIZAÇÃO)</b></p>	<p>“sobretudo, de uma maneira muito natural, talvez porque eu sempre fui feminina, então, meus pais sempre estiveram ali do meu lado... Então, não foi um choque para ninguém, eu acho até que foi um alívio para eles, porque eu vivia muito angustiada.”</p> <p>“eu fiquei mais madura e eu fiquei mais segura, isso acabou que eu me aproximei mais do meu pai”</p> <p>“depois da cirurgia, eu voltei para CIDADE para casar e ele (meu pai) que abençoou o meu casamento”</p> <p>“a cirurgia melhorou porque eu fiquei mais segura de mim e isso ajudou... <i>sou uma adulta e estou falando com adultos</i>, foi aí que eu consegui a entrada pro meio dos adultos”</p>	<p>“A família aceitava que eu fosse gay, mas não que eu me vestisse de mulher. Hoje, depois que eu contei para eles a coisa da cirurgia que eu ia fazer e eles me apoiaram, e hoje a minha família inteira me apóia na minha vida nova, é o contrário. Eles acharam nisso uma cura para uma coisa, acharam não uma cura... um respaldo de... patológico, então, eles acharam uma desculpa para falar para todo mundo que eu nasci assim, que eu nasci com o sexo errado. <i>Não, a minha filha nasceu com o sexo errado, ela não é homossexual.</i></p> <p>Então, porque eu nunca assumi minha homossexualidade para eles. E a minha mãe sempre fala <i>ela nunca me falou que era gay, porque ela nunca foi.</i> E é verdade e hoje a minha família aceita; para eles, é fácil aceitar a transexualidade, principalmente porque agora teve a cura, então, eu sou uma mulher”</p>
<p><b>- FAMÍLIA – RELACIONAMEN- TO COM OS IRMÃOS</b></p>	<p>“minha irmã sempre levou isso muito naturalmente”</p> <p>“o meu pai tinha uma condição de vida melhor e minha irmã usufruía de tudo o que podia, eu não podia fazer isso, porque eu não ia em qualquer lugar porque eu era muito discriminada, eu não ia para as coisas, eu não vivia, né?”</p>	<p>“A minha irmã... hum... também me xingava de bichinha”</p> <p>“ela (minha irmã) não tinha amizade comigo, mas ela tinha muita amizade com meus namorados, esses dois, esses três namorados ela teve muita amizade. Ela se dava bem, parece que ela tentava se aproximar de mim através deles”</p>
<p><b>RELACIONAMEN- TOS NA ESCOLA</b></p>	<p>“Eu sofri muito preconceito”</p> <p>“eu fui muito discriminada neste colégio, discriminada todos os dias”</p> <p>“eu não conhecia ninguém na escola, eu não falava com ninguém, eu era muito isolada”</p> <p>“eu sofria <i>bullying</i>”</p>	<p>“os marginais da escola, é assim que eu via eles na sétima série.... começaram a me xingar muito, tirar sarro de mim”</p> <p>“a escola ficou um ambiente insuportável para mim”</p> <p>“até os professores parece que gostavam de ver eu sofrer com preconceito, diretora, os alunos, então, foi um terror”</p>
<p><b>FALTA DE AMIGOS ATÉ...</b></p>	<p>“eu fui ter amigos muito tarde, né? Minha primeira amiga eu fui fazer indo para o segundo grau... foi a primeira vez que eu consegui conversar com alguém”</p>	<p>“os meninos da rua me xingavam ou queriam ter relação comigo”</p> <p>“amigos de infância eu não tenho, até porque eu não tive vínculo, eu não era nada, eu não era ninguém, não tinha, não sei por que eu não tinha amigos.”</p>

<p><b>RELACIONAMEN- TO COM AMIGOS</b></p>	<p>“eu era tão andrógina que, para eles (meus amigos), eu não tinha gênero”</p> <p>“eu sempre fui tratada como mulher... jogo da mímica, homens contra mulheres, eu sentava no grupo das mulheres”</p> <p>“sempre eu fui encarada como uma menina, não tem como, eu não mudei muito, eu mudei o meu exterior, mas eu sou isso aqui, fui né?”</p>	<p>“Hoje eu tô construindo amigos. Agora tem minhas amigas do prédio, mas, assim, meus amigos foram meus namorados, meus três namorados, durante oito anos e meio eu namorei.”</p>
<p><b>DESENVOLVIMEN- TO DA VIDA SEXUAL</b></p>	<p>“foi muito difícil para mim, sabe? É... né, imagina, se eu fiz uma analogia que eu me achava um cacto, imagina um cacto tendo relações sexuais, então, sem chance”</p> <p>“eu fui muito racional... eu fui devagar me forçando a ter relações sexuais, não que eu me violentei, mas eu fui me forçando no sentido, assim, <i>vai até o teu limite, avança um pouco mais esse limite, foca no prazer e não no bloqueio</i> e aí eu fui me soltando e consegui ter relações”</p> <p>“minha vida sexualmente ativa começou com 23 anos... mas sempre cheia de bloqueios, com muita dificuldade de lidar com o meu corpo, tinha sangramento, eu tinha várias e várias situações, provavelmente vinham como respostas do processo emocional mesmo ou psicológico, enfim.”</p>	<p>“Só tive minha relação sexual com 19 anos. Não sabia que dava para ter relação anal, a gente brincava, eu fazia sexo oral e pegava, masturbava eles (os meninos da rua) sem saber, eles mandavam eu pegar, pôr a mão, aquela coisa de criança, aí com... com 14 anos, 13, 14 anos”</p> <p>“eu descobri que fazer com homem era errado e o que que era fazer sexo com mulher, nunca tive nenhuma relação com mulher, mas eu tentei namorar com menina, mas também nunca tive vontade de intimidade, eu sempre fugia, dava um jeito de fugir quando as meninas começavam a querer ter intimidade. Nunca tive uma relação com uma mulher, né? Apesar de eu tentar namorar, sei lá, tive umas duas namoradinhas quando eu era adolescente.”</p>
<p><b>RELACIONAMEN- TOS AMOROSOS  (ANTES DA CIRURGIA DE TRANSGENITA- LIZAÇÃO)</b></p>	<p>“Mas eu queria muito ter um namorado, eu queria muito isso. Então, assim, eu tive 23 anos de complexos, com 23 anos eu queria muito ter uma relação com um namorado, eu queria ter uma relação amorosa. E eu fui muito racional, eu comecei a ligar os pontos, eu disse assim <i>ó se eu quero uma relação amorosa, eu preciso ter um trabalho, eu preciso é... é fazer sexo, eu preciso disso, eu preciso disso</i> e eu criei isso e eu consegui ter uma relação. Racionalmente, eu consegui ter uma relação. Óbvio que as coisas emocionais não se resolvem racionalmente, mas eu fui devagar me forçando a fazer...”</p> <p>“Eu tive relações sérias, né? E... na véspera da minha cirurgia, eu conheci o meu marido.”</p>	<p>“nos meus fins de semana, eu conhecia um cara, tinha relação, beijava, saía, só que depois acabava o conto de fadas, eu tinha que voltar a ter aquela vida, que quando eu contava isso para eles que durante o dia eu era homem, <i>ah não tem problema, não tem problema</i>, só que o cara nunca mais me ligava e sumia”</p> <p>”eu conhecia alguém, eu tinha que contar que não era uma mulher biológica, que eu era transexual e o cara se assustava, aquilo me frustrava.”</p> <p>“eu conheci ele com 32 anos e me conheceu como mulher e vivi com ele como mulher, não tinha mais que mostrar masculinidade, para ele, eu era Alma, e ele viveu comigo assim, ele era um hétero que gostava de mim como mulher, mas que tinha um problema de ter nascido com um genital masculino.”</p>

<p><b>RELACIONAMEN- TOS AMOROSOS</b></p> <p><b>(DEPOIS DA CIRURGIA DE TRANSGENITA- LIZAÇÃO)</b></p>	<p>“não tem como dizer assim a pluralidade de relacionamentos porque eu não tive mesmo, eu posso dizer que entrei numa relação super estável com um homem heteronormativo”</p> <p>“eu não tava acostumada com marido me cobrando certas coisas que no meio LGBT... no meio em que tô acostumada a conviver, no meio LGBT, eu não tenho essa divisão de homem faz isso, mulher faz isso, porque são dois homens e são duas mulheres, entendeu?”</p>	<p>“Então, vários caras querendo namorar comigo, eu descobri que eu não quero namorar. Antes, eu queria um namorado, antes da cirurgia, eu marquei a cirurgia porque eu queria me casar, eu falei <i>eu quero um namorado, quero ser feliz, eu não quero mais ser uma aberração</i>. Hoje não, eu não quero mais ter um namorado, eu quero curtir a minha vida, não que eu quero sair dando por aí, não, nem tive a minha primeira relação ainda.”</p>
<p><b>DOCUMENTO / TRABALHO</b></p>	<p>“não consegui mudar o meu nome oficialmente... o processo tá rolando... a justiça é muito lenta”</p> <p>“é difícil ainda procurar trabalho”</p> <p>“eu não sofro preconceito no trabalho, o preconceito que eu sofro é de entrar no trabalho por conta da minha documentação, que eu sou barrada na entrevista, não tem como”</p>	<p>“tá muito difícil, assim, eu ser uma mulher e ter um documento do sexo masculino. Então, eu só tô esperando isso para poder ir embora, para poder mudar de casa, onde ninguém saiba do meu passado, trabalhar... entrar numa empresa com nome de mulher, com sexo de mulher, que por mais que as pessoas possam é... desconfiar de alguma coisa, não vão ter prova.”</p> <p>“acertar o registro vem também como uma parte essencial desse tratamento, que é horrível você ser uma mulher só que tá com nome de homem e sexo masculino, por isso que eu acabo tendo que contar também pros caras, com medo de eles descobrirem e ficar uma situação muito chata, aí eu tenho que contar”</p> <p>“ tem isso (documento) para trabalhar, aí, feito isso, acabou, nossa! Vou trabalhar, vou estudar, mudar de casa, guardar esse passado lá numa gaveta, não é que eu quero esconder nada, eu quero guardar um passado que não faz parte de mim, não preciso desse passado de homem, acabou!”</p>
<p><b>COMENTÁRIOS FINAIS / OUTROS</b></p>	<p>“se eu tivesse tido apoio quando criança, adolescente, eu não teria sofrido metade do que eu sofri, eu teria feito acompanhamento de gênero quando criança, quando adolescente eu ia começar a tomar hormônio”</p> <p>“e eu não mudei de sexo, eu adorava ser mulher, eu continuo sendo mulher. Não tem <i>male to female</i>, não tem masculino para feminino, é de feminino para feminino, tira o masculino. A gente tá de feminino, que é o interno, para feminino, o externo”</p> <p>“eu sinto prazer em ser mulher, mas eu preciso..., não adianta eu bater o pé e as pessoas não reconhecerem, eu me sinto uma mulher, negarem,,, negarem isso para mim não faz sentido, é isso é que não faz sentido, o resto... eu vou vivendo”</p>	<p>“eu tenho certeza de que existe uma essência feminina”</p> <p>“eu sabia que o fato deles gostarem de mim sabendo da minha masculinidade ligava a uma coisa que queria evitar, que era a minha masculinidade. Então, eles gostavam de uma coisa que eu repudiava, sem saber, que era a masculinidade. Por isso que eu nunca gostei de gays porque procuravam um homem em mim”</p>

## Anexo 1

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, José Luís Gomez Gonzalez Júnior, aluno do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, venho desenvolvendo o TCC intitulado **Transexualidade e espinhos: questões de gênero**, cujo objetivo é compreender a experiência transexual por meio do discurso de mulheres transexuais que realizaram a cirurgia de transgenitalização. Para tanto serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas, com o propósito de obter descrições do mundo, experiências, sentimentos e esperanças vividos pelas participantes, com foco nos significados atribuídos por elas à experiência transexual.

Cabe ressaltar que os procedimentos acima descritos são de baixo risco. No entanto, estaremos atentos (as) para eventuais desconfortos que evidenciem a necessidade de intervenção e conseqüente encaminhamento do participante.

Os participantes não receberão nenhuma compensação financeira ou benefício direto por participarem do estudo. No entanto benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos permitem a cada participante uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que estejam vivenciando a mesma situação.

O sigilo em torno da identidade e da privacidade dos participantes ficam garantidos por esse termo. As entrevistas serão gravadas e transcritas e as fitas inutilizadas após seu uso. A recusa em participar da pesquisa não implicará em nenhum prejuízo ao participante.

O pesquisador coloca-se à disposição, a partir de dezembro do corrente ano, para informar os resultados obtidos. O encontro poderá ser marcado pelos telefones abaixo especificados. Os resultados também ficarão disponíveis na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri da PUC-SP e poderão ser divulgados para fins acadêmicos.

### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_, portador do R.G \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ declaro:

- Haver compreendido os objetivos da pesquisa “compreender a experiência transexual por meio do discurso de mulheres transexuais que realizaram a cirurgia de transgenitalização”, inclusive os riscos envolvidos;
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer conseqüência para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio (ou vídeo) dos procedimentos, com o compromisso do pesquisador de que as fitas serão inutilizadas ao término do trabalho;
- Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do participante**

**Endereço:**

**Fone:**

**Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Ida Kublikowski**

**RG:**

**Fone:**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura**

**Pesquisador: José Luís Gomez Gonzalez Júnior**

**RG:**

**Fone:**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura**

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.